

RESENHA

GUIMARÃES, Daniela de Oliveira. Relações entre bebês e adultos na creche: o cuidado como ética. São Paulo. Editora Cortez, 2010.

Monise Clara Orso¹; Matilde Ostrowski²; Rodrigo Saballa de Carvalho³

¹ Aluna do 10º semestre do curso de Pedagogia- licenciatura, pela Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim. E-mail: moniseorso@hotmail.com.

² Aluna do 10º semestre do curso de Pedagogia- licenciatura, pela Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim.

³ Professor Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Data do recebimento: 21/07/2016 – Data do aceite: 16/09/2016

Daniela Guimarães, graduada em Psicologia em 1992 pela UFRJ, fez Especialização em Educação Infantil na PUC-Rio, fez Mestrado em Educação, também na PUC-Rio, com dissertação intitulada “Educação e Infância Excluída- o modelo Casa-dia: uma intervenção socializadora?”. É professora da graduação em Pedagogia da Universidade Estácio de Sá, professora da Especialização em Educação Infantil: Perspectivas de trabalho em creche e pré-escolas, na PUC-Rio, ministrando disciplinas nos campos da Psicologia e da Educação Infantil. Trabalha também em diversas iniciativas de assessoria e formação de professores junto a redes públicas e particulares no Rio de Janeiro e outras cidades do país.

A pesquisa foi realizada em uma creche pública do Rio de Janeiro, chamada Creche Otávio Henrique de Oliveira, situada na comunidade de Rio das Pedras, atendendo, em média, 150 crianças, tendo 28 funcionários no total. A realidade da comunidade e das crianças que frequentam a creche é de pobreza e com condições de vida frágeis. A creche tem um cenário que representa precariedade, po-

rém os laços de coletividade e compromissos ao bem comum são intensivos.

O objetivo da pesquisa de Daniela foi investigar o que pode um bebê, investigando as possibilidades sensoriais, motoras e sociais dos bebês no contato com outras crianças, adultos e objetos. Focalizando nas relações entre bebês e adultos, procurando responder a perguntas do tipo: o que pode um bebê? Quais são as possibilidades sensoriais, afetivas, motoras e de produção de sentido da relação adulto X criança e criança X criança?, busca revisar o conceito das práticas do cuidado, tratar/cuidar. Evidencia, em sua pesquisa, também, a manipulação dos adultos perante as crianças. O livro está dividido em apresentação, introdução, capítulo 1, capítulo 2, capítulo 3, conclusão e referências bibliográficas.

No capítulo 1, a autora trata sobre a creche no Brasil: entre o higienismo e o cuidado. A autora analisa as funções da creche no Brasil e problematiza as relações entre assistência, cuidado e educação, procurando passar ao leitor o lugar social que os bebês

têm na creche, observando os modos de relacionamento e seus sentidos na história. Conta um pouco da história da criança, da infância, da legislação, das políticas educacionais ao passar dos anos. Traz os conceitos de educar e cuidar perante a legislação, fazendo comparativos com as práticas cotidianas. Cita, também, ideários que até hoje são visíveis nas relações entre famílias e creches, como, por exemplo, a ideia de que a creche é lugar somente para se deixar as crianças enquanto a mãe trabalha. A criança, nesse sentido é colocada como objeto de ações. Fica evidente a preocupação higienista, quanto ao trabalho com as crianças, ligando a ideia de creche com hábitos de higiene e alimentação (limpeza, banho, alimentação). Transmite a ideia do cuidado como postura ética, sendo uma promoção de cultura de si, atenção ao outro, prática de liberdade, revendo a realidade em que o atendimento para as crianças é feito. Aponta estudos brasileiros que se dedicaram a analisar o cuidado no cotidiano das creches, conceitua o cuidado, ressaltando as contribuições de Michel Foucault, no que diz respeito à ética no cuidado de si e no cuidado do outro, tendo o cuidado como preservação e resguardo do outro, justificando e dando apoio às relações dos adultos com as crianças.

No capítulo 2, aborda a creche no seu contexto e o cenário da pesquisa. O foco é na Creche Otávio Henrique de Oliveira, onde foi realizada a pesquisa. Conta a história da creche e expõe o desenho dos seus espaços e de como é o seu funcionamento. É apresentado o perfil das crianças, das famílias, das funcionárias. Neste capítulo, são discutidas as especificidades e tensões dos processos da observação e a fotografia é utilizada como recurso metodológico nessa pesquisa. É passado o funcionamento econômico e social da comunidade onde a creche se situa, bem como os espaços, a organização da creche, os horários de trabalho e todo o quadro de funcionários e alunos. É nesse capítulo, tam-

bém, que a autora, coloca seus desafios em ser pesquisadora numa creche, observando e participando. Durante a pesquisa, na creche, a pesquisadora, Daniela, fez entrevistas e utilizou fotografias como uma forte aliada à sua pesquisa, mostrando os resultados que obteve em utilizar as fotos para os registros, podendo fazer gradativamente, que as próprias recreadoras da creche pudessem rever suas ações perante as imagens, podendo refletir sobre elas. “[...] a fotografia aparece como alternativa singular no movimento de deixar o corpo falar para que possamos ver congelado o seu instante de expressão.” (p. 110).

No capítulo 3, são abordadas as relações entre os bebês e os adultos, tendo a responsabilidade e o cuidado como ética. Nesse capítulo são discutidos os lugares sociais dos bebês na creche, evidenciando as técnicas, a disciplina e a forma do exercício do poder que incidem sobre as crianças, tornando-os sujeitos, conformando-os à cultura. Tem-se o objetivo de passar ao leitor, que em momentos onde há iniciativas gestuais, sensoriais e afetivos das crianças, produz-se linguagem, novas formas de cooperação, novos modos de relação delas consigo mesmas e com os adultos. O cuidado na creche é problematizado tanto quanto localizado nos aspectos instrumentais, mecânicos e higienistas da relação dos adultos para com as crianças. É analisado, no decorrer dos dias, a qualidade do cuidado no berçário. Expressa o cotidiano e as rotinas das crianças, definindo rotina como instrumento de controle do tempo/padrão. Essa rotina é necessária, mas pode tornar-se aprisionadora dos sentidos das relações. Aborda o cuidado no cotidiano entre a proteção e a atenção e propõe um redimensionamento do cuidado na creche, discutindo a qualidade e a direção da atenção dos adultos para com eles mesmos e com as crianças. Coloca, também, a discussão entre a oscilação em que as “recreadoras” têm, entre o sentimento de ser “mãe” e “ser

professora”, levando em conta o vínculo afetivo para com as crianças. É dada ênfase, também, à apropriação ou reinvenção das crianças. Os equipamentos do berçário, como a cadeira de alimentação, o berço também são analisados, levando em conta a importância da observação do detalhe, dando foco na percepção da educação corporal da criança, ligados as maneiras (imitação, treinamento). No cotidiano da creche é observado que há trabalhinhos. A criança faz, mas sempre com a orientação de um adulto, visando ao produto final (perfeito). Argumenta-se muito que é importante o modelo adulto, o acompanhamento, mas este deve ter a atenção sobre si, para não sufocar ou invadir as iniciativas da criança, tornando importante que as crianças tenham seu momento de expressão para se desenvolverem. Têm que ser estimuladas e respeitadas as iniciativas das crianças, o olhar, apontar, imitar, ofertar objetos; essas atitudes são relações dialógicas. São esclarecidos os vínculos estabelecidos com as crianças (colo/ proteção/choro).

E por fim, finaliza a autora o seu trabalho, fazendo um apanhado geral do livro, lembrando aspectos importantes que foram discutidos no decorrer da leitura, afirmando que o cuidado pode ser entendido como função central na creche e é uma atitude ética na relação consigo mesma e com o outro. É um livro muito interessante, gostoso de ler e nos faz viver o que foi experienciado por ela. Discute vários problemas e ações, assim como explica conceitos e sugere métodos para que certas ações/pensamentos sejam desmitificados, como é o caso da rotina escolar. Ao discutir a rotina da creche, torna-se evidente que com a rotina, de certa forma, os gestos, os movimentos, a expressão criativa e a iniciativa dos bebês ficam delimitados. A arte de direcionar a conduta, de agir sobre a ação do outro aparece nas práticas, nos tempos e nos espaços das instituições escolares, produzindo um indivíduo cada vez mais go-

vernado e auto-regulado. A rotina permanece nas escolas/ creches como algo disciplinador, onde se privilegia a gerência sobre a vida das crianças, se importando apenas com uma educação “conteudista”. As crianças devem obedecer a um relógio. Hora de comer, hora de dormir, hora de brincar, fazer fila e tantas outras atividades impostas. Nas rotinas escolares, vemos que elas não são construídas naturalmente, e sim, construídas conforme as regras da sociedade.

Todos os gestos e atos estão atrelados aos controles temporais, visando à rapidez e à eficácia. A repetição de tarefas e rotinas sem uma compreensão real da sua necessidade demonstra que o que está sendo feito é destituído de sentido para as crianças.

De certa maneira, as rotinas fazem com que as crianças possam se situar, saber que após o almoço será hora de ir dormir, como por exemplo. Porém, e a criança que não tem sono? Como fica? E, por que fazer fila para ir até o parque? As rotinas devem existir, no entanto, devem ser analisadas para que realmente tornem-se significativas para as crianças.

Quanto às futuras educadoras, devemos refletir acerca dos acontecimentos, refletindo e incorporando elas para um melhor desenvolvimento, e que as rotinas tenham embasamento teórico, objetivo. A rotina pedagógica é um componente de grande importância. É a partir dela que podemos estruturar e organizar os tempos e espaços das crianças, levando em consideração as especificidades de cada sujeito/criança envolvido, fazendo com que as rotinas deixem de ser “movimentos” de mecanização do sujeito. Faz-se necessário que haja reflexões sobre as rotinas, de tal forma que as regras e normas sejam discutidas, construídas e reconstruídas constantemente. A partir daí, aumentam-se as chances das crianças serem respeitadas na sua totalidade enquanto sujeitos ativos e de direitos.

